

A LENGUA DE SIGNOS ESPAÑOLA: UM NOVO IDIOMA PARA ALUNOS SURDOS

Autor: Thiago Marinho da Silva; Co-autor Fernanda Patrícia Ribeiro

Universidade Estadual da Paraíba, thiagoo.marinho12@hotmail.com

Resumo: O presente estudo busca trabalhar a *lengua de signos española* em sala de aula, tanto numa abordagem didática como metodológica, algumas das dificuldades encontradas nesse percurso e também as superações. Partindo da formação dos professores de língua estrangeira até os desafios dentro da sala de aula ao ensinar o idioma para seus alunos surdos, apresentando de forma minuciosa a *lengua de signos española*. Esse trabalho tem por objetivo apresentar a *lengua de signos española*, não apenas para os alunos surdos de uma maneira mais condizente, mas também trazer esse conhecimento para os demais alunos dentro da sala de aula contribuindo assim para a formação de cada um. Para uma melhor apuração do tema trataremos sobre a formação docente no ensino superior, como as instituições preparam seus alunos para uma aula inclusiva e de que maneira será ensinada uma língua estrangeira para alunos surdos. Em relação à metodologia, este trabalho é bibliográfico, qualitativo e documental partindo dessa metodologia serão apresentados pontos para possíveis discussões e serão através delas que explicaremos muitas das situações decorrentes no que diz respeito ao ensino da *lengua de signos española* dentro da sala de aula. Ainda destaca-se o quanto importante é para os alunos aprender uma nova língua e, especialmente aos alunos surdos, como a experiência de ensino/aprendizagem pode ser enriquecedora colaborando para a formação profissional e também pessoal desses alunos.

Palavras-chave: Lengua de signos española, surdos, ensino/aprendizagem, língua espanhola.

Introdução

É importante pensar no ensino de língua estrangeira para surdos nos dias de hoje, visto que vivemos em um mundo globalizado e aprender uma nova língua se faz necessário, pois estamos sempre em contato com novas culturas e outras línguas. E se para os ouvintes se faz importante ter o conhecimento de uma nova língua, para os surdos isso se torna primordial, ambos precisam aprender uma língua estrangeira, para que assim, possam ter acesso a informações provenientes de outras culturas e em outras línguas.

A Língua brasileira de sinais, a LIBRAS, é uma língua oficial utilizada pela comunidade surda e por ouvintes para se comunicar. A partir da lei n.º. 10.436 de 2002 e do decreto n.º 5.626 de 2005 passou a ser reconhecida e aceita como uma segunda língua oficial e como língua materna para os surdos. Goldfeld (2001, p. 34) relata que:

[...] as crianças surdas geralmente não tem acesso a uma educação especializada e é comum encontrarmos em escolas públicas e até particulares, crianças surdas que está há anos frequentando estas escolas e não conseguem adquirir nem a modalidade oral

e nem a modalidade escrita da língua portuguesa, pois o atendimento ainda é muito precário.

Reconhecer a peculiaridade de cada aluno, acolher a todos na escola, incorporar a diversidade sem nenhum tipo de distinção. Cada vez mais as pessoas estão percebendo as diferenças e vendo que não só devem ser aceitas, mas também acolhidas como um meio para complementar o ambiente escolar.

Porém, muitos professores não sabem lidar com alunos surdos, pois a comunicação chega a ser dificultosa, tanto no que se refere ao ensino na sala de aula como a comunicação básica entre aluno e professor. Sabemos que são poucos os professores que possui o conhecimento mínimo para se comunicar em LIBRAS. Também são perceptíveis os diversos obstáculos enfrentados pela comunidade surda, no que diz respeito ao ensino/aprendizagem baseado no oralismo (SACKS, 2010). Mesmo com esses contratempos os surdos lutam para ter livre acesso a educação e cultura.

Se tal situação se passa na própria língua materna, neste caso o português, e quando passamos para o ensino de uma língua estrangeira, a situação continua a mesma e/ou talvez pior, pois quase não se ouve falar do ensino da língua estrangeiras para surdos através dos signos, e essa é uma realidade que precisa mudar.

Partindo dessas ideias em um primeiro momento trataremos sobre a formação docente no ensino superior, discutindo sobre alguns obstáculos que são encontrados durante esse processo de formação do professor, tratando tanto de uma postura profissional quanto da própria instituição de ensino. Sasaki (1997) discute sobre um modelo ideal de instituição inclusiva que se associa, não apenas em estrutura, mas também no oferecimento de serviços complementares a educação.

Em seguida iremos apresentar a *lengua de signos espanhola*, trazendo um conhecimento, que para muitos era inexistente, mostrando que além da *lengua de signos espanhola* existe também muitas LS diferente, e que os surdos de países deferentes tem maior facilidade para se comunicar uns com os outros, fato esse que não ocorre com ouvintes (PINA, 2013).

Assim, este artigo tem como principal objetivo tratar sobre o ensino da *lengua de signos espanhola* não apenas para os alunos surdos de uma maneira mais condizente, mas também trazer esse conhecimento para os demais alunos dentro da sala de aula contribuindo assim para a formação de cada um, apresentar algumas das dificuldades encontradas na formação docente, contribuindo para uma formação continua para futuros professores.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br
www.cintedi.com.br

Fazendo com que o docente possa apresentar para seus alunos surdos uma aula inclusiva, mostrando e explicando o conteúdo, neste caso a língua espanhola, através dos sinais.

Em um último momento iremos falar um pouco mais da *lengua de signos española* trazendo meios metodológicos e didáticos para ensinar aos alunos surdos de maneira mais interativa e através dos meios tecnológicos um novo idioma, que a princípio será desafiador para eles, mas ao mesmo tempo empolgante por estarem aprendendo de uma maneira mais condizente com sua realidade. E ao final desse estudo algumas considerações que podem agregar de maneira significativa uma melhor análise do tema.

A formação de docentes no ensino superior para a sala de aula inclusiva

De acordo com a lei LDB (Lei de Diretrizes e Bases), nº 9.394/96, em seu Art. 22, a educação tem por objetivo desenvolver o educando, possibilitando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e disponibilizar meios e recursos para uma formação contínua em trabalho ou estudos posteriores. Dessa maneira é possível perceber que a comunidade escolar como um todo oferece direito a educação sem restrição e aderiu a preocupação e a necessidade de incluir pessoas com deficiências na escola regular.

Deste modo se fez necessário que as instituições brasileiras que forma professores atendam às necessidades que o ambiente escolar necessita, e nestecaso, se faz mais do que necessário formar professores para uma sala de aula inclusiva.

As instituições precisam se adequar a um modelo que possa atender a aquelas pessoas com algum tipo de deficiência. Sasaki (1997) discute sobre um modelo ideal de instituição inclusiva que consiste numa estrutura organizacional da instituição, onde abarca o oferecimento de serviços complementares a educação. A disciplina de LIBRAS se encontra no meio desses serviços e algumas das instituições onde a LIBRAS pode ser inseridas são em escolas de ensino fundamental e médio, e também nas universidades sejam elas públicas ou particulares que contemplará a formação dos professores com o intuito de deixá-los preparados para atuarem em sala de aula. Nesse contexto a LIBRAS é percebida como uma ferramenta necessária não só para a formação docente, mas também para a comunicação do professor com seus alunos surdos.

No nosso país existe um decreto que vai trazer a disciplina de LIBRAS como disciplina obrigatória em diferentes modalidades dos sistemas de ensino, apresentamos o artigo 3º, vejamos:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular, obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício de magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e seus municípios. (BRASIL, 2005, **grifos nossos**).

Como vimos acima, a LIBRAS passou a ser obrigatória nas universidades desde 2005, em todos os cursos de licenciatura. Vimos também que a Libras começou a “ganhar terreno” na comunidade escolar e nas instituições de ensino superior, porém, é perceptível que os graduandos não se sentem preparados, visto que a carga horária da disciplina ofertada durante a graduação é de no mínimo 30 horas, e no máximo 60 horas, impossibilitando uma formação que esteja atenta as necessidades dos alunos surdos.

A Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, por exemplo, é uma das universidades que apresenta, no curso de Letras – Espanhol, em sua grade curricular duas disciplinas: Língua Brasileira de Sinais (I) e Língua Brasileira de Sinais (II), cuja ementa diz que o estudante de espanhol em Libras I estudará 60 horas com conteúdos que versam sobre a Iniciação da Libras de nível básico e introdução a sua gramática. Na segunda disciplina, Libras II, o aluno terá que estudar alguns aspectos tais como: “A educação de surdos no Brasil. Cultura surda e a produção literária. Emprego da LIBRAS em situações discursivas formais: vocabulário, morfologia, sintaxe e semântica. Prática do uso da LIBRAS em situações discursivas mais formais” (PPC, 2016, p. 62).

É notável que a UEPB apresenta em sua grade curricular uma preocupação em formar profissionais que saiam da licenciatura aptos a estarem numa sala de aula inclusiva, oferecendo duas disciplinas de Libras, totalizando 60 horas. Porém, como estamos falando de estudantes/professores de língua espanhola, nos questionamos sobre a não existência de uma disciplina que ensine a *lengua de signos* ou que se assemelhe, conceitue ou transmita, ao menos de forma teórica a *lengua de signos*, disciplina que iria auxiliar o futuro professor na hora de ensinar a língua espanhola e incluiria aqueles alunos surdos, trazendo para esses alunos um novo mundo e despertando a curiosidade nos alunos ouvintes e promovendo assim uma maior interação em sala de aula, tarefa está deixada para os interpretes. Dessa forma, além de incluir todos os alunos surdos, daríamos a oportunidade dos alunos ouvintes conhecerem um pouco mais da língua espanhola e sua cultura.

O Brasil é rodeado de países que tem como língua oficial o espanhol como Argentina, Paraguai, Peru, Bolívia etc. E que além desses países existem outros que tem o espanhol como

língua oficial como Equador, Cuba, Costa Rica, Espanha dentre outros. E assim como cada país possui suas variantes linguísticas na oralidade, da mesma forma acontece com a *lengua de signos*.

Lengua de signos española: o que é?

Assim como o Brasil tem a LIBRAS como língua oficial dos surdos, muitos países que tem como língua oficial o espanhol possui a *lengua de signo*, conhecida na Espanha, ou *lengua de señas* conhecida em países hispano-americanos que são, em alguns países, reconhecidas como línguas oficiais para os surdos. Neste trabalho usaremos a *lengua de signos española*, representada na Espanha pela sigla LSE.

Soria (2016) define a *lengua de signos* como: “la lengua natural de las personas sordas. Mediante ella puede relacionarse con su entorno social pues le permite establecer un canal de comunicación básico que es visual y espacial.”(SORIA, 2016)

A *lengua de signos española* foi reconhecida como oficial no ano de 2007 quando a lei 27/2007 de 23 de outubro entra em vigor na Espanha trazendo consigo além do reconhecimento como língua oficial alguns direitos como a regularidade dos meios de comunicações espanhóis orais para pessoas surdas.

Sabemos que a língua espanhola é falada oficialmente por mais de 20 países e que cada país tem seus rasgos linguísticos, ou seja, possui suas variantes. Do mesmo modo acontece com a *lengua de signos*, ela possui algumas variantes de acordo com o país no qual se encontra. Para um professor de língua espanhola é impossível ter o domínio completo do idioma devido as suas variantes, da mesma maneira acontece com a *lengua de signos*, cada país possui a sua, e cada região traz suas variantes. No entanto, o simples fato do professor trazer para seu aluno surdo um pouco desse conhecimento pode nivelar a aprendizagem desses alunos surdos com os ouvintes, pois assim como os outros o mesmo estará aprendendo um novo idioma. Isso gera numa motivação para esse aluno que então esperava e/ou acreditava que um novo idioma só se aprende falando.

Posto isto, vimos à falta de uma boa formação do professor quanto a Libras, isso acarretará numa pouca comunicação em sala de aula entre o professor e seus alunos surdos, que apesar da ajuda de um interprete na sala de aula, ele poderá, em algumas vezes, não possuir conhecimentos sobre a disciplina ministrada, em nosso caso a língua espanhola.

A língua de signos espanhola na sala de aula

O filósofo alemão Schopenhauer (1860) diz que o aprendizado de uma língua estrangeira modifica o pensamento do indivíduo como um todo, além do conhecimento do idioma, traz também um enriquecimento intelectual, ampliando e aperfeiçoando nossos conceitos e opiniões, proporcionando um melhor entendimento para outras coisas. Isto inclui os alunos surdos, pois esses alunos estão sendo expostos a um novo idioma da maneira condizente com sua realidade. Os surdos têm uma capacidade de desenvolver e aproveitar gestos e pantominas para a comunicação e sempre estão atentos para as expressões faciais e corporais das pessoas. Devido a esse fator, eles conseguem se comunicar mais facilmente com outros surdos de países diferentes, um fator que não acontecem com os ouvintes, que necessitam de um tempo maior para conseguirem se comunicar em outro idioma.

Sousa e Silveira (2016) ressaltam dois pontos que valem ser destacados, são eles: o desenvolvimento do indivíduo e uma experiência de vida diferente através de um ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. Os surdos ao aprenderem uma língua estrangeira estão sendo exposto a um grande desafio, pois se trata de uma terceira língua para eles, visto que os surdos têm como língua oficial a LIBRAS e como segunda língua o português, isso no Brasil.

As premissas mencionadas destacam a relevância do ensino de uma nova língua na vida de diferentes indivíduos e os benefícios que seu ensino/aprendizagem traz para os alunos/aprendizes em diversos contextos como escolar, profissional, linguístico, social, e o cultural, enriquecendo e complementando cada vez mais a formação do indivíduo como um todo. Com isso, o aprendizado da língua espanhola vai trazer para o aluno/aprendiz, seja ele surdo ou ouvinte, uma nova forma de ver a sua cultura e a cultura do outro, convidando-o a desenvolver novas relações, respeitando a diversidade e as diferenças do outro indivíduo.

Para Silva (2005) um ponto importante na vida de qualquer aluno, seja surdo ou ouvinte é a relação afetiva que ele desenvolve com os colegas de sala. A identidade que esse aluno constrói enquanto parte daquele grupo será representada nas suas relações sociais.

É dever do professor criar condições físicas, um ambiente favorável e com materiais adequados, adotando sistemas alternativos de comunicação tanto no processo de ensino/aprendizagem como de avaliação, para que os alunos surdos possam interagir dentro e fora da sala de aula, favorecendo o melhores níveis de comunicação para que esses alunos sintam-se inclusos, podendo assim participar de atividades escolares (SILVA et. al., 2018).

Conclusões

Todos temos o direito a uma educação de qualidade e, da mesma forma que uma pessoa ouvinte tem condições e pode aprender uma nova língua estrangeira, os surdos também podem. No entanto, essas condições lhe são negadas a partir do momento em que as instituições de ensino superior não formam e não preparam seus estudantes, aqueles que cursam uma língua estrangeira, para desenvolver em sala de aula uma abordagem didática inclusiva, estimulando os alunos surdos a se inserirem no contexto pedagógico apresentado, assim como os demais que desejam aprender um novo idioma de uma maneira mais natural.

Diante do exposto, pensamos que o presente estudo poderá contribuir para esclarecer algumas dúvidas sobre o ensino da língua espanhola para alunos surdos, disponibilizando meios, como a apresentação da *lengua de signos Española*, para que esse aluno possa aprender de maneira mais síncrona com os demais educandos.

Referências

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. MEC. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. In: BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000. p.25-32.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/L934.htm>

ESPAÑA. Ley nº 27/2007, de 23 de outubro de 2007. Ley por la que se reconocen las lenguas de signos españolas y se regulan los medios de apoyo a la comunicación oral de las personassordas, con discapacidad auditiva y sordociegas

Disponível em: <https://www.boe.es/buscar/doc.php?id=BOE-A-2007-18476>

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus, 2001. 34 p.

PINA, M. R. A. **A realidade do aluno surdo na aula de língua espanhola como língua estrangeira (e/ele)**. Londrina. 2013.

SACKS, O. W. **Vendo vozes.** Uma imagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Campanha das Letras, 2010.

SASSAKI, R. K. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SCHOPENHAUER, A. Sobre as linguagens e as palavras. In: **A arte de escrever.** Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Süssekind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SILVA, Ana Carolina P; SOUZA, Fábio M; MENEZES, Ronny D. **O ensino de língua Espanhola para surdos: a integração entre professor e intérprete e as adaptações metodológicas.** Revista Espacio. 2018.

SILVA, Claudney M. O. O surdo na escola inclusiva aprendendo uma língua estrangeira (inglês): um desafio para professores e alunos. Brasília – DF. 2005.

SORIA, Estíbalizen Fenández. **Aprenda la lengua de signos.** Outubro, 2016.
disponível em <https://www.tutellus.com/idiomas/espanol/aprende-la-lengua-de-signos-11506>.

SOUZA, Danielly V.C; SILVEIRA, Ederson L. **O ensino de língua estrangeira para surdos: contribuições para formação acadêmica, profissional, social e cultural.** Interfaces científicas – Educação. 2016.